

"Pontes de Partida"

Reflexões sobre um projecto de democratização cultural em meio escolar

1. O projecto *Pontes de Partida* foi concebido na sequência de uma proposta oriunda do Departamento de Programação Cultural (Área do Envolvimento da População) da Porto 2001.

Concretamente, pediu-nos aquele Departamento que, tomando como horizonte a realização, no Porto, da Capital Europeia da Cultura, elaborássemos um projecto dirigido às Escolas dos Ensinos Básico e Secundário da Cidade, em que, no essencial, se retomassem as grandes orientações e metodologias de *Os Dias da Escola* – um programa de estímulo à criatividade artística da população estudantil portuense, realizado, com algum sucesso, no ano lectivo de 1995-96, no âmbito do Pelouro de Animação da Cidade da Câmara Municipal do Porto, e em que os autores do presente texto haviam colaborado activamente (1). Aceite o convite, logo foi entendido que se impunha rever e, na medida do possível, enriquecer a fórmula anteriormente adoptada.

Assim, sugeriu-se que o projecto fosse desdobrado em duas componentes: uma que designámos *Pontes de Partida* – 1ª Fase, e outra, *Pontes de Partida* – 2ª Fase, voltada para a realização de "obras" colectivas capazes de representar a especificidade e dinamismo próprios das diferentes escolas e comunidades educativas da cidade.

2. Em *Os Dias da Escola* promoveu-se a realização de um concurso no qual os jovens eram desafiados a exprimir, nas modalidades de texto, fotografia e artes plásticas, "todas as pequenas e grandes histórias" do seu quotidiano escolar.

Foram oito os temas sugeridos nessa altura: a) A sala de aula; b) Os espaços; c) O tempo forçado e o tempo livre; d) Os grupos, os estilos e as modas; e) O namoro e outras curtições; f) A solidão; g) "Furos" e evasões; h) Solidariedades e conflitos.

Quatro anos depois, e fazendo jus à proposta de abertura à diversidade, complexidade e alteridade patente na ideia-força do projecto da Capital Europeia da Cultura – "*Pontes para o Futuro*" –, avançou-se com um conjunto de desafios temáticos que só num caso intersectava explicitamente o anterior.

Foram eles:

- a) Os grupos, os estilos e as modas;
- b) Porto 3001;
- c) Família: prisão ou porto de abrigo?
- d) E depois da escola?
- e) Fronteiras, margens, exclusões;
- f) Roterdão;
- g) Afectos e paixões;
- h) Rotinas e evasões;
- i) Espaços, trajectos e digressões;
- j) Comunicação, solidões, anonimato;
- k) A esquina, o bairro, o mundo.

Alargando um pouco o âmbito das áreas de expressão (além de texto, fotografia e artes plásticas, admitiu-se a modalidade vídeo/cinema/multimédia), indicaram-se, então, desta vez, onze rotas para a imaginação criadora dos jovens estudantes do Porto.

Perceber-se-á, pelas designações, que a intenção foi não as ancorar, como no projecto anterior, ao restrito espaço físico e vivencial da escola, antes dar-lhes amplitude suficiente para albergarem reflexões sobre contextos de existência reais e virtuais bem mais amplos do que os do seu universo ocupacional imediato (veja-se a figura 1).

Em *Os Dias da Escola* fez-se coincidir a exposição dos trabalhos apresentados a concurso com um festival de teatro, música e dança, aberto quer a grupos com algum apoio e enquadramento institucional nas escolas, quer a performances individuais ou colectivas "espontâneas".

Exposição e Festival realizaram-se, em Junho de 1996, no Palácio de Cristal, utilizando-se, para a primeira, uma parte do Pavilhão Rosa Mota, e, para o segundo, um conjunto de equipamentos precários (tendas, plateias amovíveis, etc.) localizados em vários pontos dos jardins.

Em ambos os casos, as condições de participação nos eventos revelaram-se dispersivas e mesmo, em certos casos, tecnicamente inadequadas.

A partir de tal constatação, e beneficiando de disponibilidades financeiras e logísticas com outra envergadura, foi possível, no caso de *Pontes de Partida - 1ª Fase*, ultrapassar estas limitações.

Assim, decidiu-se entregar a concepção do espaço destinado à apresentação pública dos trabalhos enviados a concurso a uma equipa de profissionais da área da arquitectura, a qual recebeu a incumbência adicional de nele integrar um palco onde pudesse concretizar-se, em condições técnicas estimulantes, um conjunto diversificado de eventos/performance de grupos de teatro, dança e música.

É que, tal como quatro anos antes, realizou-se, conjuntamente com a Exposição, um Festival aberto à participação dos estudantes das escolas envolvidas.

O QUE TE PROPOMOS COMO PONTES DE PARTIDA

Em primeiro lugar, um Concurso, onde possas, a partir do teu olhar sobre a cidade, reflectir sobre o que nela se passa, o que se passa em ti quando diariamente a percomes, o que se passará nos outros que nela também vivem.

A criação de textos, fotografias ou trabalhos de artes plásticas e audiovisuais que registem a tua visão sobre o Porto e o que a ele associas.

A possibilidade de seres divulgado o teu trabalho numa exposição e em livro, junto de um público alargado: não só os teus colegas e professores, como também a tua família, os teus amigos, os vizinhos do teu bairro ou do mundo, os outros artistas e, quem sabe, os políticos mais atentos às novas expressões da cidadania.

Es os temas que sugerimos para dares largas à tua imaginação:

a) "Espaços, trajectos e digressões" - De onde vens? Por onde passas? Em que direcção foge o teu pensamento?

b) "Porto 2001" - Mil anos é muito tempo... e há um buraco de ozono que se alarga. Chegaremos lá?

c) "Família: prisão ou porto de abrigo?" - A família será só mesa e mesada? Ou o refúgio a que sempre queres voltar?

d) "E depois da escola?" - Depois da escola, a libertação? Ou o trabalho a galope? Ou o emprego aos soluços...?

e) "Promissas, margens, exclusões" - Há quem se conforme. Há quem se afirme. Há quem force os limites. E quem não tem lugar?

f) "Roterdão" - É já ali ao lado? Ou o outro lado desta "ponte de partida"?

g) "Afectos e Paixões" - Estar apaixonado é ter o céu na terra? Ou ficar preso ao telemóvel? Cruzar olhares tranquilamente? Ou "amar assim perdidamente"?

h) "Os grupos, os estilos e as modas" - Pertencer a um grupo é ser fiel a uma marca ou fazer valer o estilo de cada um? O que conta é "estar na moda"?

i) "Rotinas e evasões" - Como vives o teu dia-a-dia? E os cortes com a rotina? O que é, afinal, a diversão? É uma cidade divertida?

j) "Comunicação, solidões, anonimato" - Como é viver na cidade: estar com os outros ou sentires-te só na multidão? Satisfaz-te o anonimato ou preferes o estrelato?

k) "A esquina, a cidade, o mundo" - O teu "mundo" é mais a esquina do teu bairro ou, pelo contrário, os seus limites atravessam a cidade, o País, os Continentes?

Tens aqui uma oportunidade para participares no Porto 2001. Esperamos pelos teus trabalhos até ao dia 31 de Março de 2000.

figura 1

3. No essencial, manteve-se em *Pontes de Partida* – 1ª Fase o princípio de intervenção na área cultural que já no Projecto anterior se quisera pôr em prática.

Consiste tal princípio em procurar alargar o círculo dos intervenientes culturais nas dinâmicas culturais, não tanto através do estímulo à recepção/consumo das obras da cultura instituída (tão característico das intervenções visando o "alargamento de públicos"), mas sobretudo por intermédio da criação de condições para dar visibilidade a disposições e operadores estéticos autónomos de cidadãos "comuns" – no caso, os jovens estudantes da cidade –, deles fazendo, ainda que efemeramente, *praticantes culturais*.

"Autónomos" não quer dizer, neste contexto, imanescentes a um qualquer conjunto de dons naturais e puramente idiossincráticos, "originais" e "únicos": há que reconhecer, com efeito – e aqui está outra vertente deste tipo de intervenções – que as disposições e operadores considerados são, em grande parte, socialmente construídos, em particular, precisamente, no quadro dos processos de ensino/aprendizagem escolar.

Neste sentido, pode, aliás, dizer-se que projectos como os que estamos comentando constituem também uma oportunidade para os professores darem a conhecer e verem reconhecido o trabalho de dinamização cultural que, anonimamente, e muito para além do que é imposto pelas exigências estritamente curriculares, conseguem realizar no quotidiano das suas actividades profissionais.

Fala-se pouco desta capacidade – chamemos-lhe "intersticial" – que a instituição escolar tem para desenvolver, entre os destinatários da mensagem pedagógica curricular, esse fermento invisível da produção autónoma e "alternativa" de novos sentidos a que chamamos imaginação criadora, criatividade, "cultura".

A verdade é que, para muitos jovens – sobretudo os que têm de percorrer trajectos sociais que só excepcionalmente intersectam contextos favoráveis a uma incorporação implícita de capital cultural –,

a escola continua a ser o reduto mais favorável (e, porventura, único) para a aproximação tateante aos instrumentos da criação autónoma. Aproximação precária, por vezes conflitual, mas, ainda assim, marcante – porque capaz de promover, nessa matriz de disposições estético-cognitivas objectivas a que chamamos "subjectividade", pontos de viragem decisivos na compreensão e sentido de transformação do mundo.

Acredita-se também, na perspectiva que vimos referindo, que o movimento de explicitação e cruzamento, no espaço público, de experiências estéticas "anónimas", além de estimular capacidades criativas mais ou menos latentes em todos os actores sociais, contribui para dessacralizar e democratizar o acto de criação artística, não sem, além disso, promover, ainda que indirectamente, alguma renovação das energias cívicas de uma colectividade.

Contrariando perspectivas que defendem que a "verdadeira cultura" se restringe aos produtos, instituições e modos de criação/recepção legitimados no e pelo campo da cultura erudita, pretendeu-se, com o projecto, valorizar um processo de relação com as obras culturais onde estivesse também presente uma dimensão de fruição/divertimento – neste nível etário, a experiência estético-cognitiva associada à criação artística pode, em nosso entender, ser potenciada se se ligar a vivências próximas do pólo do prazer e da festa, habitualmente censuradas nos espaços consagrados da "arte séria".

Ao delinearmos esta perspectiva, tivemos ainda em consideração tendências que, de acordo com a literatura sociológica, caracterizam as práticas culturais juvenis, sobretudo em meio urbano. Além de se caracterizarem por uma forte "domesticidade receptiva" – o que os jovens mais fazem, nos seus tempos livres, é ver televisão e ouvir música –, tais práticas revestem-se de um carácter acentuadamente convivial e informal (2).

Assim, procurámos contribuir para que a dimensão das sociabilidades fosse realçada, através do incentivo a actuações em grupo (teatro, dança ou música) no espaço destinado à Exposição dos trabalhos apresentados a concurso, não sem, para isso, criar condições técnicas minimamente adequadas. Sem qualquer pretensão de contrariar eficazmente o elevado peso específico que os media e as indústrias culturais têm nos tempos de não-estudo e de não trabalho dos mais jovens, pretendeu-se, ainda assim, com esta vertente do projecto, assinalar, no seu horizonte de "possíveis" culturais, marcos relativamente enriquecedores no plano da expressividade e do uso de disposições estéticas elementares (3). Talvez se tenha conseguido, pelo menos para alguns, a concretização de aspirações culturais que, de outro modo, nunca deixariam de ser isso mesmo – apenas aspirações.

É reconhecido, e nós próprios já assinalámos esse ponto, que o estabelecimento de fronteiras rígidas entre produção/consumo culturais "legítimos" e "não-legítimos" não só condiciona fortemente os modos possíveis da percepção estética, como constitui um severo marcador (quando não acelerador) de distinções e hierarquias sociais. Poder-se-á perguntar se iniciativas como a que temos vindo a comentar terão alguma eficácia em termos de atenuação das clivagens e polarizações em causa.

A resposta tem de ser prudente e moderada. Cremos que a ambição não pode, neste domínio, ir além de uma discreta confiança em que, com a aproximação ao círculo da produção cultural – nomeadamente através do exercício autónomo de reflexão e expressão estética que o concurso estimulará e do acesso ao universo físico e institucional da cultura cultivada –, alguma instabilização virtuosa das hierarquias estabelecidas possa acontecer, por aí entrando o sopro, ainda que ténue, da emancipação criadora. Mudança porventura infinitesimal. Ainda assim, mudança.

4. Contribuir, ainda que indirectamente, para uma transformação do próprio quotidiano escolar dos alunos do Porto era outro dos objectivos da primeira fase de *Pontes de Partida*.

Vários estudos têm revelado que a relação dos estudantes com a generalidade das actividades curriculares, nomeadamente as que se desenrolam nos espaços e tempos das aulas, está longe de ser considerada gratificante, para muitos, surgindo mesmo destituída de sentido (4). Ora, uma vez que, com o projecto, se criavam alguns estímulos para uma reconversão, ainda que pontual, das práticas lectivas correntes, reconversão essa voltada para uma abertura às componentes lúdico-expressivas da criação estética, acreditou-se que ele se viria a tornar atractivo para muitos professores e estudantes.

Verificou-se, todavia, que este esforço suplementar solicitado ao público escolar não encontrou a resposta esperada: num universo de mais de vinte mil alunos, e não obstante ser relativamente elevado o valor dos prémios em jogo, apenas trezentos se dispuseram a participar na experiência.

Procurando encontrar um conjunto de factores explicativos deste relativo insucesso, importa começar por admitir que alguns deles dirão respeito às próprias insuficiências de concepção do projecto: complexidade excessiva dos temas propostos, inadequação dos mesmos ao universo cultural dos destinatários, etc.

Não é seguro, por outro lado, que o esforço desenvolvido pelos elementos encarregados da divulgação do projecto junto das escolas tenha encontrado, no tempo certo, as melhores formas de articulação das estruturas de ligação institucional da *Porto 2001* com os estabelecimentos de ensino da cidade. Lembre-se, a tal respeito, que, na altura de lançamento do projecto, esta ligação se encontrava ainda em estado embrionário e experimental, enquanto, por outro lado, vicissitudes várias bem conhecidas afectavam negativamente a própria imagem pública da Capital Europeia da Cultura.

Avançando para outros lados da questão, é de admitir também que, ao apelar a modos de expressão que estão ausentes das práticas quotidianas da generalidade dos jovens, estes se tenham retraído na base de um sentido de privação ou desapossamento face às competências tidas por indispensáveis para "entrar" no mundo das "artes" ("isto não é para mim").

Foi, justamente, a pensar nesta eventualidade e na melhor forma de a ultrapassar que se procurou envolver os professores na divulgação do projecto. Admitiu-se, de facto, que a ideia comum segundo a qual só pode fazer "arte" quem é legitimamente considerado como "artista" poderia ser posta à prova e contrariada, se, por exemplo, no contexto das actividades lectivas, os temas a concurso fossem assumidos como *pontes de partida* para a realização de trabalhos que, em articulação com conteúdos programáticos mais específicos, permitissem aliar, "naturalmente", criatividade e reflexão.

Já se percebeu que o nosso optimismo relativamente à participação dos professores no projecto se revelou, em boa medida, infundado.

Aliás, a leitura de vários estudos realizados entre nós na última década fornece elementos que, em boa verdade, deveriam ter moderado as nossas expectativas a este respeito.

Num inquérito realizado durante o ano de 1994 junto de docentes das escolas secundárias do Porto (5), foi possível verificar que a maioria dos professores em causa assumia uma concepção crítica e pró-activa de educação, já que identificava como funções fundamentais do acto educativo "preparar os alunos para o mundo que os rodeia/para a vida activa" e "contribuir para a formação integral dos alunos".

Os mesmos inquiridos apresentaram também uma concepção dinâmica de escola, aberta à vida e eminentemente cultural na sua dimensão extracurricular, com repercussão, aliás, nas suas representações

do que é ser "um bom professor": "participar na vida local"; exercer a profissão "com imaginação e não de uma forma rotineira"; "propiciar o desenvolvimento pessoal e humano dos alunos" e "favorecer o contacto destes com realidades distintas das apreendidas na sala de aulas" (6).

Parecia, além disso, que estas concepções de educação e de escola encontravam correspondência nas suas práticas, uma vez que a maioria declarou organizar actividades extracurriculares na escola e fora da escola. Importava, no entanto, saber de que tipo de actividades falavam. E concluiu-se que estas se resumiam essencialmente a "exposições", "debates/conferências" e "visitas de estudo", dando a entender que a valorização de práticas de educação não formal tende a confinar-se a iniciativas de índole essencialmente receptiva.

A falta de hábito revelada pelos docentes na preparação de experiências pedagógicas que possibilitem aos alunos passar do patamar da recepção para os da participação e expressão pode, então, explicar em parte o reduzido eco que o projecto encontrou nas instituições de ensino da cidade.

É uma questão que não pode ser dissociada dos circunstancialismos concretos em que decorre o exercício da profissão docente. Condições físicas de trabalho pouco atractivas (instalações degradadas, falta de material e de equipamentos), aliadas a uma carga horária excessiva, a turmas sobrelotadas e turbulentas e à obrigatoriedade de cumprimento de extensos programas, poderão, com efeito, estar na origem da resistência a adoptar práticas que escapem à lógica estritamente curricular e impliquem romper com hábitos de transmissão de conhecimentos instituídos e rotinizados. Como afirma Maria Helena Cavaco, "(...) ao modelar a sua entidade profissional, o professor tende, numa atitude defensiva, a enquistar-se definitivamente nos saberes que domina, tornando-os estáticos e dogmáticos. Fixa-se nas matérias e nos

conteúdos programados e com a sua gestão preenche, quase exclusivamente, o seu papel. Uma atitude ritualista, de cumprimento minucioso dos programas, pode ser a resposta para uma ansiedade gerada pelas (más) condições de trabalho e que não foi superada de outra maneira" (7). Sabendo-se que, com o alargamento da base social de recrutamento do universo estudantil, feito num contexto de multiplicação de factores de vulnerabilidade individual e colectiva, a escola se torna, cada vez mais, hoje, espelho e motor da "questão social", não surpreende que o professorado seja compelido a "agir na urgência" e a "decidir na incerteza", como diz Philippe Perrenoud, com toda a carga de ansiedade e culpabilização que daí decorre (8).

Como exigir-lhe disponibilidade para derivas e experiências de intervenção cultural suplementares e "paralelas"?

5. Como já anteriormente foi referido, no concurso lançado em *Pontes de Partida*, os alunos foram convidados a exprimir-se nas modalidades de texto, fotografia, artes plásticas e vídeo, cinema e multimédia. Que modalidades e temas preferiram eles? E de que níveis de ensino são os discentes que acederam a participar neste desafio?

Uma primeira observação impõe-se – o facto de a modalidade artes plásticas ter sido, de modo bastante expressivo, a mais escolhida (59,2% dos trabalhos apresentados a concurso – veja-se o quadro 1).

Artes Plásticas	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo
Os grupos, os estilos e as modas	29	16	1	12
Porto 3001	39	21	5	11
Família: prisão ou porto de abrigo?	5	1	1	3
E depois da escola?	1	1	0	0
Fronteiras, margens, exclusões	12	1	3	8
Roterdão	2	1	0	1
Afectos e paixões	28	0	3	24
Rotinas e evasões	11	3	3	4
Espaços, trajectos e digressões	7	2	0	5
Comunicação, solidões, anonimato	7	1	0	6
A esquina, o bairro, o mundo	0	0	0	0
Totais	141	47	16	74

Fotografia	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo
Os grupos, os estilos e as modas	9	0	3	6
Porto 3001	0	0	0	0
Família: prisão ou porto de abrigo?	0	0	0	0
E depois da escola?	1	0	0	1
Fronteiras, margens, exclusões	3	0	0	3
Roterdão	0	0	0	0
Afectos e paixões	2	0	0	2
Rotinas e evasões	2	0	0	2
Espaços, trajectos e digressões	3	0	0	3
Comunicação, solidões, anonimato	1	0	0	1
A esquina, o bairro, o mundo	0	0	0	0
Totais	21	0	3	18

Texto	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo
Os grupos, os estilos e as modas	10	0	6	4
Porto 3001	18	6	10	2
Família: prisão ou porto de abrigo?	3	1	2	0
E depois da escola?	3	2	1	0
Fronteiras, margens, exclusões	10	4	1	3
Roterdão	2	1	1	0
Afectos e paixões	20	0	15	5
Rotinas e evasões	0	0	0	0
Espaços, trajectos e digressões	3	0	2	1
Comunicação, solidões, anonimato	4	0	4	0
A esquina, o bairro, o mundo	0	0	0	0
Totais	73	14	42	15

Vídeo, Cinema, Multimédia	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo
Os grupos, os estilos e as modas	1	0	0	1
Porto 3001	0	0	0	0
Família: prisão ou porto de abrigo?	0	0	0	0
E depois da escola?	0	0	0	0
Fronteiras, margens, exclusões	0	0	0	0
Roterdão	0	0	0	0
Afectos e paixões	1	0	0	0
Rotinas e evasões	0	0	0	0
Espaços, trajectos e digressões	1	1	0	0
Comunicação, solidões, anonimato	0	0	0	0
A esquina, o bairro, o mundo	0	0	0	0
Totais	3	1	0	1

quadro 1

Estaremos perante uma prova de uma maior implicação dos docentes das disciplinas de EVT na mobilização generalizada dos seus alunos? Ou esta clara preferência pelas artes plásticas significará (também) uma opção pela modalidade que, aparentemente, não implica a posse de disposições cognitivas e estéticas tão elaboradas e, por esse motivo, se tornaria a mais "fácil" de concorrer?

O facto de as restantes modalidades terem sido pouco escolhidas poderá ajudar a sustentar esta hipótese. Com efeito, apenas 30,6% dos trabalhos respeitaram à modalidade *texto*, enquanto que somente 8,8% dos alunos preferiram a *fotografia* e 1,2% optaram pela modalidade *vídeo, cinema e multimédia* (veja-se o quadro 1).

Uma vez que estas últimas modalidades exigem recursos normalmente não disponíveis nas escolas (máquinas fotográficas e de vídeo), é de admitir a hipótese de muitos estudantes terem recusado liminarmente estas opções.

Certas conotações associadas às modalidades poderão, por outro lado, ajudar-nos a perceber melhor estas preferências. Terá sido o *texto* a modalidade mais associada à escola e aos conteúdos habituais dos trabalhos escolares, ao invés da *fotografia* e do *vídeo, cinema, multimédia*, actividades pouco ou nada praticadas nas instituições de ensino?

Esta opção pelas *artes plásticas* e pela *escrita* quererá então significar uma adesão generalizada à escola formal e aos tipos de expressão tradicionalmente mais sujeitos a avaliação? Se assim for, torna-se clara a razão pela qual a *fotografia* e o *vídeo, cinema, multimédia* – meios de expressão não consagrados no currículo – recolheram tão poucas preferências junto dos alunos. Modalidades aparentemente menos sujeitas a constrangimentos formais acabaram, afinal, por ser as mais inibidoras, por estarem mais distantes do universo escolar...

Ao atentarmos nos níveis de ensino dos alunos que responderam ao nosso desafio, esta conclusão aparece reforçada. Veja-se o caso particular da *fotografia*, onde quase todos os participantes frequentam o ensino secundário (nenhum aluno do 2º ciclo arriscou participar através desta modalidade e apenas três pertencem ao 3º ciclo).

Não estaremos perante uma prova da resistência dos alunos mais novos a enveredarem por áreas que não dominam nem praticam habitualmente na escola? Se assim for, compreende-se melhor o motivo pelo qual estes mesmos alunos decidiram concorrer em grande número através das modalidades *artes plásticas* e *texto* (veja-se o quadro 1).

Já no que respeita aos temas preferidos, dois deles mereceram uma especial atenção por parte dos concorrentes – "Porto 3001" e "Afectos e paixões".

Com efeito, quer através das *artes plásticas* quer através do *texto*, estes foram os temas que mais motivaram os participantes (veja-se o quadro 1).

A preferência pelo mote "Afectos e paixões" foi visível junto dos estudantes mais velhos (3º ciclo e ensino secundário). A fase de vida em que se encontram justificará o motivo pelo qual este tema ocupou preferencialmente os seus pensamentos?

Quanto à opção pelo "Porto 3001", outras razões estarão na sua origem. Numa época onde a realidade virtual ganha uma forte expressão junto dos públicos mais novos, a opção por este tema poder-se-á justificar pela atenção redobrada que os estudantes prestam a esta dimensão?

Por outro lado, não deixa de ser significativo o facto de a maioria dos trabalhos alusivos a este tema se ter concentrado na abordagem de um futuro que se encontra comprometido devido aos grandes problemas

ambientais que actualmente se fazem sentir. Estaremos então perante um universo de escolas com uma elevada consciência ecológica, à qual os estudantes são sensíveis? A reflexão patente nos trabalhos apresentados leva-nos a crer que sim. E a realização de iniciativas como esta fase de *Pontes de Partida* terá tido, pelo menos, o mérito de o fazer reflectir...

6. Importa, por fim, falar mais detalhadamente do Festival integrado no *Pontes de Partida*. Uma das suas componentes foi já enunciada no ponto 1. Correspondeu a uma série de actuações de grupos "espontâneos" realizadas no espaço provisoriamente "enobrecido" da Exposição. O convite-desafio para tal participação vinha incluído no folheto de divulgação do projecto distribuído às escolas (veja-se a figura 2).

A outra componente do Festival consistiu, por seu turno, na apresentação, em espaço inequivocamente "enobrecido" ("nobre", portanto), de espectáculos de teatro e dança por parte de grupos com trabalho desenvolvido e institucionalmente acompanhado, com regularidade, nas escolas.

Mais precisamente, quis-se garantir, no âmbito do *Pontes de Partida*, a criação de condições próprias, quer dizer, técnica e esteticamente adequadas, para a apresentação pública, nomeadamente junto das chamadas "comunidades educativas" envolvidas, de um trabalho de formação artística em curso nalgumas escolas do Porto (Programa "Descobrir" do Pelouro de Animação da Cidade da C.M.P.). Não obstante ser "paralelo" às actividades lectivas correntes, nem por isso deixou tal trabalho de propiciar graus de elabo-



figura 2

ração e depuração artística significativos. Por que não conceder-lhes o "direito" a um lugar destacado nesta primeira fase do *Pontes de Partida*?

A indisponibilidade da maior parte dos equipamentos culturais da cidade do Porto nas datas exigidas pelo calendário do Projecto tornou o nosso objectivo quase inalcançável. Mas o Festival realizou-se, em condições globalmente favoráveis, no Pequeno Auditório do Teatro Rivoli. Para alguns actores e bailarinos em formação, foi possível, pela primeira vez, pisar um palco não improvisado e ter o apoio de uma equipa de produção profissional – e ficou dado um passo importante no caminho da sua afirmação identitária, como criadores culturais e como cidadãos.

Aqui está um outro ponto que merece algum destaque.

A análise sociológica da cultura tem sublinhado a importância crescente de que se reveste, na criação cultural contemporânea, a intervenção de um conjunto de profissionais e redes organizativas aparentemente "exteriores" ao acto de criação propriamente dito. O facto é especialmente patente no domínio das indústrias culturais, onde se assiste a uma espécie de substituição do criador individual por um "criador colectivo" e, consequentemente, ao esbatimento de fronteiras entre artistas/autores, técnicos e produtores, editores, promotores, etc.

O fenómeno, que, porventura, alcançará na indústria discográfica a sua expressão máxima, não deixa, entretanto, de se fazer sentir noutros domínios mais "nobres" e relativamente preservados das exigências imediatistas do mercado. É o caso do teatro e da dança, modalidades em destaque no Festival do *Pontes de Partida*.

Pois bem: a possibilidade que foi dada aos actores e bailarinos de verem o seu trabalho enquadrado por um corpo de profissionais ligados à produção de espectáculos das artes performativas (produtores, técnicos de som e luz, contra-regras...), além de garantir níveis de qualidade inalcançáveis nas apresentações públicas feitas em ambiente escolar, permitiu ainda que os protagonistas obtivessem uma noção bastante mais realista acerca do que é, hoje, o acto de criação artístico-cultural e do que são as exigências de profissionalidade e de profissionalismo neste campo de actividade. Como diz Maria de Lourdes Lima dos Santos, "(...) a crescente diversificação das profissões culturais e artísticas, alimentada fundamentalmente pelo sector das indústrias culturais, tem vindo a exercer efeitos sobre as hierarquias do campo intelectual e artístico, repercutindo-se sobre os outros sectores tradicionais e sobre a avaliação da condição do artista (e do intelectual) feita tanto pelos próprios produtores culturais como pelos públicos" (9).

Sendo verdade que os jovens em causa já haviam contactado, através do citado Programa "Descobrir", com o lado mais institucional e profissionalizado da criação estética (o seu trabalho é, de facto, orientado, com regularidade, por profissionais de teatro e dança), é de esperar que a experiência proporcionada nesta ocasião tenha correspondido a um salto qualitativo importante na percepção do que é o universo da criação artística, um universo onde o carisma do artista tem de conviver, ou mesmo ceder, cada vez mais, perante rotinas, horários, competências técnicas "profanas" ou meros saberes-fazer de um vasto e diferenciado conjunto de profissionais. Eis como, quase insensivelmente, pode o mundo das artes e da expressão estética tocar os mundos do trabalho, das profissões e até das tecnologias.

Educação cívica em estado prático?

7. Uma última palavra, agora sobre a 2ª Parte do Projecto Pontes de Partida. Como já se disse, o objectivo, aqui, foi apoiar as Escolas do 2º e 3º ciclos e do ensino secundário na realização de obras que reflectissem, de algum modo, a identidade do estabelecimento de ensino e/ou a especificidade do seu projecto educativo e que envolvessem, na medida do possível, toda a comunidade escolar (professores, alunos, pais e auxiliares de educação). Tal como na 1ª Parte do Projecto, exigiu-se que o produto final não fosse efémero e pudesse vir a inserir-se na cidade (espaços públicos, museus, nas próprias escolas, noutras instituições). Foram analisados vinte projectos que incluíam desde a realização de objectos escultóricos e painéis de baixo relevo até a elaboração de livros e diaporamas, passando pela encenação de um espectáculo multimédia e a concepção de um CD-Rom.

As quinze obras concluídas são as que constam do folheto aqui reproduzido (veja-se a figura 3).

José Madureira Pinto

(Faculdade de Economia do Porto/Grupo de Ciências Sociais)

Maria Benedita Portugal

(Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa/Departamento de Educação)

Exatidão na População



Mostra de trabalhos artísticos, de Outubro a Novembro, nas seguintes escolas:

16 OUT. 16H30	SEC. RODRIGUES DE FREITAS	"O PORTO DE MARQUES DA SILVA" DIAPORAMA
17 OUT. 17H00	EB 2/3 PARANHOS	"A CIDADE E O METRO" PAINEL DE AZULEJOS
26 OUT. 14H30	SEC. AURELIA DE SOUSA	"VIDA E ARTE NA ESCOLA" DESenhado e Pintura de Painéis da Escola
12 NOV. 18H30	SEC. GARCIA DE ORTA	HISTÓRIA DA ESCOLA GARCIA DE ORTA Livro
15 NOV. 18H30	SEC. CAROLINA MICHAELIS ¹	ACTAS DO COLOQUIO INTERNACIONAL CAROLINA MICHAELIS
20 NOV. 18H30	EB 2/3 IRENE LISBOA ¹	"PORTO E CIDADES GEMINADAS" Livro
22 NOV. 16H00	SEC. ALEXANDRE HERCULANO	MATEMÁTICA NO PORTO 2001 CD-ROM
23 NOV. 10H00	SEC. CERCO DO PORTO	PAINEL MURAL
24 NOV. 11H00	SEC. SOARES DOS REIS ¹	"O DIAMANTE" ESCULTURA
28 NOV. 16H30	EB 2/3 NICOLAU NASONI	"PAINEL NICOLAU NASONI" PAINEL DE AZULEJOS
30 NOV. 11H00	EB 2/3 PIRES DE LIMA	O PATRIMÓNIO CULTURAL DO PORTO PAINEL DE AZULEJOS
	COLEGIO DOS ORFÃOS	ESCOLA DE MÚSICA
	EB 2/3 VISO	"PASSAROS AO VENTO" ESCULTURA
	EB 2/3 AUGUSTO GIL	"EM MIM FLORESCEM OS JARDINS" PAINEL EM BAIXO RELEVO
	EB 2/3 FRANCISCO TORRINHA	COMEMORAÇÕES DO 25º ANIVERSÁRIO PAINEL DE AZULEJOS

(*) Estas escolas já tiveram a sua apresentação pública no ano lectivo anterior. As obras podem ser vistas, junto a dos horários lectivos normais, com excepção da Escola dos Orfãos, que deverá ser contactado para visitas à Escola de Música ou para assistir a actividades que venha a promover.

(1) A apresentação pública do trabalho será realizada no Salão da Biblioteca da Escola.

(2) A apresentação pública do trabalho será realizada no Auditório da Biblioteca Municipal da cidade.

(3) A apresentação pública do trabalho será realizada no Parque da Cidade (entrada pela estrada da circunvalação).

Para mais informações, contactar as escolas participantes ou Porto2001, pelo número 22 805 14 85 (entre 10h-12h e 14h30-18h).

Porto 2001
Cidade Europeia da Cultura

Porto 2001 S.A.
Tribuna Principal
Av. da Boa Noite 4271-150 545
4150-145 Porto
www.porto2001.pt

SPONSOR
DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO N.º 1

PARTICIPAM/COORDENA/RECEBEM O PATRIMÓNIO
LUSOULTRA Banco Comercial Português

figura 3